

Face a Face!... Luís Franco acordado às 04h00 do 9 de Junho de 1975 Preso por “marinheiros armados (em parvos)”

Luís Vasconcelos Franco vai editar o livro ‘De Menino a Ancião’ sobre o 6 de Junho de 1975, onde aborda, em pormenor, a forma como foi preso no dia 9, faz hoje 44 anos, em resultado da manifestação de que foi um dos principais promotores, embora diga que a sua acção foi “modesta”. Nesta entrevista que dá ao Correio dos Açores, explica que o objectivo da manifestação do 6 de Junho “não era a Independência dos Açores” e pormenoriza como foi preso e transportado para a Terceira com um grupo de açorianos, fazendo revelações que, até agora, nunca tinha feito. Na altura, era um agricultor com mais de 1000 (mil) cabeças de gado...

Correio dos Açores - Descreva os dados que o identificam perante os leitores!

Luís Vasconcelos Franco - Sou um homem de 76 anos, fisicamente normal, cabelo grisalho mas de barba completamente branca, sem afectação nenhuma e sem preconceitos rácicos, sociais ou de género. Fui casado em primeiras núpcias e tive dois filhos, um rapaz e uma rapariga. Do meu segundo casamento, tenho mais um filho.

Fale-nos do seu percurso de vida no campo académico, profissional e social?

Fui um aluno pouco mais que sofrível. Passei pela escola do Livramento, pelo Liceu de Ponta Delgada, estive internado nos colégios Nuno Álvares, em Tomar e no João de Deus, no Monte Estoril e, novamente, no Liceu de Ponta Delgada onde acabei o sétimo ano. Cumprí 42 meses de serviço militar e não fui mobilizado para a guerra. Frequentei o Instituto de Estudos Sociais e de Ciências Sociais e Política Ultramarina sem ter concluído nenhum dos cursos.

Trabalhei numa companhia de seguros, fui vendedor de automóveis, co-proprietário duma Casa de Fados e de uma fábrica de embalagens. De regresso a S. Miguel, fui lavrador, industrial de lacticínios, distribuidor de automóveis, acionista de algumas empresas, industrial de carnes, de pescado, de transformação (brinquedos), de construção civil, armador de pesca, co-proprietário de uma agência de viagens e armador de navios de dragagem. Devo ter-me esquecido de qualquer outra aventura.

Socialmente, considero-me um indivíduo de trato fácil que gosta de cultivar as suas relações e amigo dos seus amigos.

Como se define a nível profissional?

Chato! Detesto assuntos pendentes com tudo o que isso implica de insatisfação pessoal e como entidade patronal.

Quais as suas responsabilidades?

As normais de um pequeno empresário.

Como descreve a família de hoje e que espaço lhe reserva?

Para mim, é o complemento natural de um indivíduo. Eu, ainda sou da velha guarda e, como tal, espero que a minha família consiga manter os mesmos valores da minha geração

Quais os impactos mais visíveis do desaparecimento da família tradicional?

Infelizmente, a família está a diluir-se.

A velocidade imposta pela tecnologia quase não deixa tempo para: uma conversa de família; um serão em conjunto; uma refeição sem interferência electrónica; uma opinião isenta duma influência televisiva ou jornalística. Vive-se ao sabor da informação sobre o viver alheio e saboreia-se pouco o nosso próprio viver.



Luís Franco: “...E eu, misturado entre os lavradores, instigava-os a comparecerem...”

Qual a sua opinião sobre a forma como a sociedade está a evoluir?

Caminha, apressadamente, para uma sociedade mais virtual que real.

Que importância têm os amigos na sua vida?

Muita!

Para além da profissão, que actividades gosta de desenvolver no seu dia-a-dia?

Ler, ver TV e conversar. Também gosto duns banhos de mar. Ultimamente tenho faltado.

Que sonhos alimentou em criança?

Ser empresário, ter uma boa família e amar várias mulheres.

O que mais o incomoda nos outros?

A mentira gratuita.

Que características mais admira no sexo oposto?

Julgo que gosto de tudo no sexo oposto, até dos defeitos.

Gosta de ler? Diga o nome de um livro de eleição?

Gosto muito. “Memórias de Adriano”.

Como se relaciona com o manancial de informação que inunda as redes sociais?

Muito mal.

Conseguia viver hoje sem telemóvel e

“A velocidade imposta pela tecnologia quase não deixa tempo para: uma conversa de família; um serão em conjunto; uma refeição sem interferência electrónica; uma opinião isenta duma influência televisiva ou jornalística. Vive-se ao sabor da informação sobre o viver alheio e saboreia-se pouco o nosso próprio viver”

internet? Quer explicar?

Vive-se de qualquer modo mas confesso que tudo seria mais difícil se todos os outros utilizassem esses meios e eu não.

Costuma ler jornais?

Só no avião.

O que pensa da política? Gostava de ser um participante ativo?

É uma atividade indispensável. Alguém tem que a fazer mas, infelizmente, alguns políticos

preferem o seu interesse pessoal ao do bem público. Hoje é tarde e seria certamente um elemento incómodo.

Gosta de viajar? Que viagem mais gostou de fazer?

Moderadamente. Sete dias depois (é o meu limite) já estou inquieto para me apanhar em casa. Gosto de todas. A Itália é que mais me fascina. Hoje, minha mulher e eu vamos partir para uns dias na Sardenha.

Quais são os seus gostos gastronómicos? E qual é o seu prato preferido?

A comida tradicional portuguesa. Não sou de má boca. Tanto aprecio uma lagosta como uma feijoada. O que vier, morre.

Que notícia gostaria de encontrar amanhã no jornal?

Resolvida a questão da Síria da melhor maneira.

Se desempenhasse um cargo governativo descreva uma das medidas que tomaria?

Demitia-me.

Qual a máxima que o/a inspira?

Viver e deixar viver.

Em que Época histórica gostaria de ter vivido?

Na minha.

O dia 9 de Junho de 1975 para si é um dia marcante por ter sido um dos impulsionadores do 6 de Junho. Pode contar-nos a que horas surgiu a polícia em sua casa e de que forma o levaram? Foi para onde? Pode descrever todos os passos que deu?

Apareceram cerca das quatro horas da manhã. Era uma secção de marinheiros, armados (em parvos), coitados. Levarem-me sobre escolta, em princípio para prestar declarações no Quartel General mas, na realidade, depositaram-me num navio da Armada que presta assistência aos faróis, o ‘Shultz Xavier’. Deixei-me levar. Interroguei-me: Afinal democracia era isto?

Até que chegou o momento de embarcar para a Terceira com um grupo de açorianos para serem presos? Como é que foi? Recordar-se de quem embarcou consigo?

Quando cheguei ao navio já lá estavam todos os outros. Como fui o último, o navio zarpu imediatamente. Um oficial veio informar-nos que íamos para a Terceira onde ficaríamos hospedados no Monte Brasil para prestar declarações. Era suposto não haver instalações em Ponta Delgada. Depois serviram-nos um pequeno almoço e lá fomos como lastro.

Como passava os dias na prisão? E, como